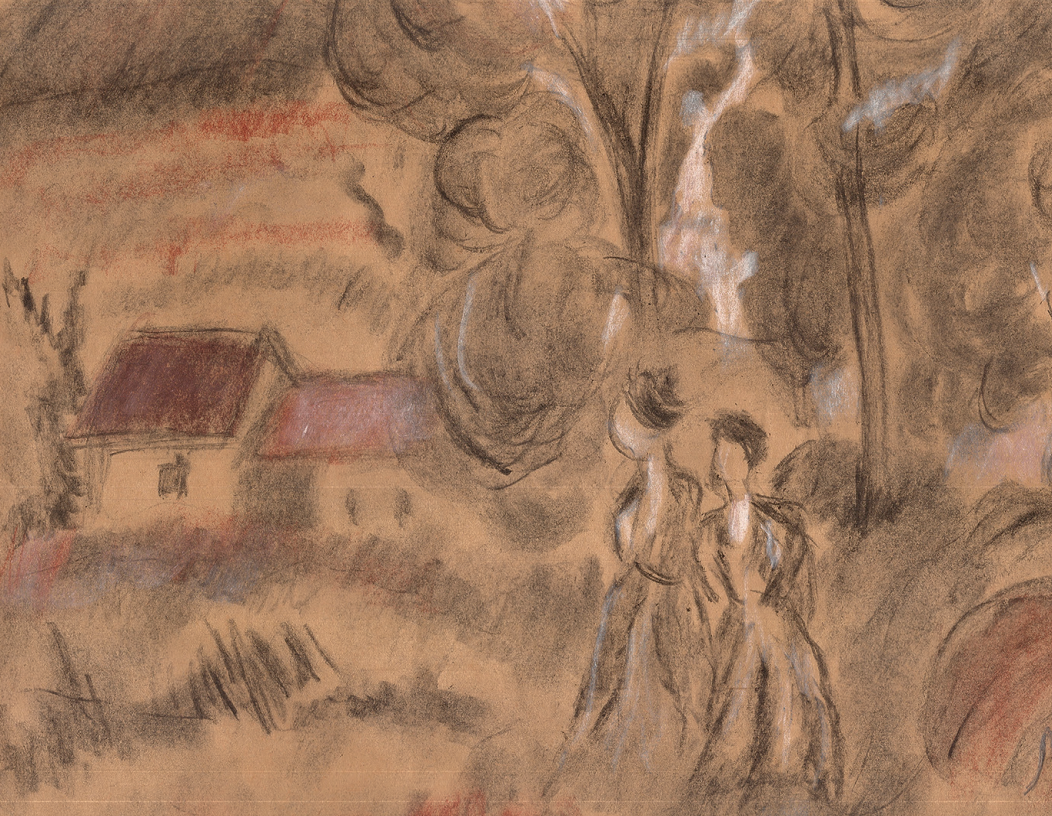




Organizadora

Luciana Marchetti Torrano

PSICANÁLISE

Tranças e afluências

Histórias sobre transgeracionalidade

Blucher

TRANÇAS E AFLUÊNCIAS

Histórias sobre transgeracionalidade

Organizadora

Luciana Marchetti Torrano

Editado e revisado por

Vanessa Alves Zagatto

Tranças e influências: histórias sobre transgeracionalidade

© 2026 Luciana Marchetti Torrano (organizadora)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação de texto Edgar Costa

Diagramação Mônica Landi

Revisão de texto Equipe editorial

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa Passeio no bosque, desenho em carvão, 2003

© Maria José Marchetti Torrano

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Tranças e influências: histórias sobre transgeracionalidade / organizadora Luciana Marchetti Torrano ; editado e revisado por Vanessa Alves Zagatto. – São Paulo : Blucher, 2026.

240 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2615-4 (Impresso)

ISBN 978-85-212-3143-1 (Eletrônico - Epub)

ISBN 978-85-212-3142-4 (Eletrônico - PDF)

1. Psicanálise. 2. Repetição transgeracional. 3. Transmissão transgeracional. 4. Transmissão psíquica. 5. Constituição psíquica. 6. Distúrbios alimentares. 7. Abuso sexual infantil. 8. Núcleo radioativo. 9. Transmissão radioativa. 10. Identificação radioativa. I. Título. II. Torrano, Luciana Marchetti. III. Zagatto, Vanessa Alves.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio	13
<i>Ana Rosa Chait Trachtenberg</i>	
Apresentação	21
<i>Luciana Marchetti Torrano</i>	
Introdução	25
<i>Luciana Marchetti Torrano</i>	
1. Repetição transgeracional na adoção: impactos na constituição psíquica	37
<i>Fernanda Kimie Tavares Mishima, Marina Vieira Madeira e Manoel Antônio dos Santos</i>	
2. Do conto de fadas à descida ao Hades: transmissão psíquica da feminilidade na anorexia nervosa	65
<i>Carolina Leonidas e Manoel Antônio dos Santos</i>	
3. Decifra-me ou te devoro: a transgeracionalidade na obesidade	87
<i>Ana Carolina Fortes Paiva de Pina e Valéria Barbieri</i>	

4.	Psicodinamismos de uma jovem obesa e de seus pais <i>Lilian Regiane de Souza Costa-Dalpino</i>	121
5.	Lutos não elaborados e prejuízos na transicionalidade em três gerações da família de uma criança obesa <i>Carolina Rizzatto Martins Padilha</i>	147
6.	A transgeracionalidade paterna de tendências antissociais <i>Ana Paula Medeiros</i>	175
7.	Um universo fragmentado: a violência do abuso sexual infantil <i>Mariana Campeti Cuoghi Rocco, Fernanda Kimie Tavares Mishima e Valéria Barbieri</i>	203
	Sobre os autores	237

Prefácio

Ana Rosa Chait Trachtenberg¹

Uma honra prefaciara este livro, organizado por Luciana Marchetti Torrano e editado e revisado por Vanessa Alves Zagatto.

Iniciando pelo título, impossível não lembrar do nosso poeta Manoel de Barros quando diz em seu poema “Comparamento”:

*Os rios recebem, no seu percurso, pedaços de pau,
folhas secas, penas de urubu
[...]*

Mas desembarcam no poema escorreitas: como que filtradas.

Manoel de Barros (2010)

Na sequência, muitas são as tranças e afluências que encontrei no livro, com tantas histórias cruzadas silenciadas em algumas gerações e que gritam em gerações seguintes.

Em alguns capítulos do livro (capítulos 2, 3, 4 e 5), encontrei um denominador comum do grito: o corpo.

¹ Psicanalista e membro titular com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Os textos remetem aos fundamentais conceitos de núcleo, transmissão e identificação radioativa e resíduos, criados pela psicanalista argentina/israelense Yolanda Gampel, como segue:

A metáfora do “núcleo radioativo” serve como representação conceitual de um processo particular: a penetração no aparelho psíquico de aspectos terríveis, violentos e destruidores da realidade externa, sem que o indivíduo tenha nenhum mecanismo de controle e de proteção contra essa penetração, seu enraizamento e seus efeitos.

Esta “identificação radioativa” inclui vestígios não representáveis, resíduos de influências “radioativas” do mundo exterior enquistadas no indivíduo inconscientemente. No caso da radioatividade propriamente dita, material, a emanção afeta fisicamente o indivíduo, no momento em que ocorre o impacto e tempos depois. [...] No entanto, como em certas pessoas expostas à radioatividade, os “resíduos radioativos” permanecem latentes e somente emergem como doença – física ou psíquica – neles ou nos seus filhos, muitos anos mais tarde. (Gampel, 2014, pp. 19-28)

Yolanda Gampel enfatiza o papel do corpo como destino das transmissões radioativas, transgeracionais, que não têm cor, imagem, cheiro e menos ainda palavras.

Gampel entende que acontecimentos podem levar ao aparecimento da “radioatividade”, transformada em emissor, e tornar-se um sintoma. Essa memória do traumático não pode ser elaborada, pois está desconectada, isolada, congelada e, portanto, não é afetada por um movimento associativo. Dessa forma, retorna apenas por um movimento conectivo (Moreno, 2002) que pode ser catastrófico. Essas “identificações radioativas” que ressurgem do recalque da negação, não podem ser objeto de “recordação”, só podem ser “atuadas”,

isto é, traduzidas em atos. Essas transformações podem ser realizadas pelas vítimas de violência ou mesmo por seus filhos, por meio do misterioso processo de transmissão transgeracional. Manifestam-se de forma marcante quando há uma conjunção de fatores pulsionais, elementos pessoais ou familiares ou eventos externos, conforme Trachtenberg (2023).

Vale destacar que, no presente livro, aparecem na quase maioria dos textos os conceitos de cripta e fantasmas, de Nicolas Abraham e Maria Torok, fundamentais para o entendimento dos fenômenos transgeracionais. Aproveito para comentar a chamativa e louvável abundância de referências bibliográficas brasileiras, o que valoriza o esforço da presente publicação.

Os aportes de Abraham e Torok (1995), na década de 1970, sobre o *luto*, a *cripta* e o *fantasma*, foram decisivos para as investigações das transmissões transgeracionais, destacando-se da ideia de que, no inconsciente de um sujeito, se enquista uma parte do inconsciente de um outro, que vem habitá-lo como um fantasma, além do mandato imperativo que o ancestral faz pesar sobre a sua descendência.

A cripta é uma sepultura secreta, uma furna, que mantém em conserva um luto indizível, que contém as palavras não ditas, as lágrimas não derramadas, as cenas não lembradas. Como uma defesa extremada, aquela história habitará uma cripta firmemente lacrada e poderá necessitar encontrar um depósito fora do sujeito. O indivíduo expulsa de dentro de si seu próprio fardo, dirigindo-se à geração seguinte, em processo inconsciente, o que aparecerá, então, sob a forma de fantasma.

Faimberg (2000), quase em simultaneidade com Abraham e Torok, denominou o fenômeno como “telescopagem de gerações”, além do fundamental conceito de “identificação alienante”, uma forma particular de identificação projetiva (no meu entender), por meio do qual o não tolerado no psiquismo dos pais é depositado no psiquismo do filho, despojando este de um desenvolvimento próprio. As

matrioscas ou bonecas russas, idênticas umas às outras, se encaixam formando uma bela imagem para as identificações inconscientes narcisistas alienantes (nome completo para o conceito de Faimberg).

Assim, temos mais um elemento para pensar o corpo como grito, como resposta às identificações alienantes.

Sigamos: no Capítulo 1, encontramos uma reflexão original acerca da complexidade da experiência da gestação vivida por mães que foram adotadas, compreendida como um processo que atravessa corpo e psiquismo, reatualizando fantasias ligadas à sua história pessoal e aos vínculos familiares. Ao articular dimensões conscientes e inconscientes implicadas no tornar-se mãe, a gravidez convoca memórias, afetos e heranças transmitidas entre gerações, tanto no que foi elaborado como naquilo que permaneceu silenciado. Como observa Trachtenberg (2019), os ditos não ditos, os lutos não realizados e os segredos familiares tendem a se inscrever na constituição subjetiva da mãe e do bebê, relevando a importância da transmissão psíquica na conformação dos vínculos.

Para além da repetição transgeracional, calcada no intrapsíquico e intersubjetivo, vale a pena pensarmos no olhar da clínica vincular, basilar da esperança, para abrir novos e incertos caminhos. A “clínica da vincularidade” (Puget, 2015) nos abre a perspectiva da esperança da permanente subjetivação do sujeito que ocorre no trabalho vincular. Novos sujeitos surgem a partir do “entre dois” e do encontro que modifica ambos. Assim, a nova dupla parento-filial nos oferece caminhos inéditos para refletirmos sobre as adoções. Vale a pena estimular novas escutas, não saturadas pelas histórias traumáticas do passado histórico e pré-histórico, sem destituir sua importância. Transformar uma escuta parento-filial analítica, baseada na causalidade, em outra na qual se abre espaço para o novo e inédito, permeado pela casualidade, pode ser um enorme e magnífico desafio.

Adiante chegamos aos capítulos 6 e 7, que nos apresentam elementos do traumático e da dor social, importantes questões da psicanálise contemporânea.

A marginalidade e o abuso sexual, tão lamentavelmente ligados à repetição de histórias passadas não elaboradas, nos remetem a René Kaës (1997) – que com alegria vi extensamente citado no presente livro – em seu clássico livro *O grupo e o sujeito do grupo*, quando diz que a perspectiva aberta por Freud (1914) fala de um sujeito singular como o elo, o servidor, o beneficiário e o herdeiro da cadeia intersubjetiva da qual provém.

O grupo precede ao sujeito do grupo, já que o sujeito não tem a opção de não ser colocado em um grupo ao nascer, assim como não tem a opção de nascer sem corpo. A ligação ao grupo parte da inevitável constatação de que somos postos no mundo por mais de um outro, por mais de um sexo, e que a nossa pré-história, tramada antes do nascimento, dá um começo ao sujeito antes dessa ocasião e está arraigada na intersubjetividade. Assim, diz Kaës, o sujeito é, em primeiro lugar, um “inter-sujeito”. É grupo e é corpo. Assim está constituído seu inconsciente.

Relendo a apresentação de Luciana Marchetti Torrano, que termina belamente falando de esperança, trago Janine Puget (2015) e Isidoro Berenstein (2004), porta-vozes da Esperança na e em Psicanálise.

A Psicanálise Clássica tem o seu lugar, o lugar da transferência, da repetição, a do mundo infantil como determinante, a da história do sujeito, do determinismo psíquico, da causalidade. Porém, entendem que isso não é suficiente tanto para os pacientes individuais quanto para os casais e famílias. Algo mais ocorre além da repetição do passado infantil, sexual, reprimido, na transferência.

Berenstein e Puget estavam realmente dedicados a mostrar a trama vincular e o novo que o efeito de presença potencialmente traz. Abre-se espaço para o indeterminado, o acaso e o novo. Assim, temos um sujeito em constante vir a ser, marca da esperança.

Disse Puget:

Hoje já cabe ter em conta que não podemos nos referir a que nossas vidas têm só uma origem, nem só um centro, do qual dependeria a vida das pessoas e dos conjuntos. Mas sim é necessário pensar em múltiplos centros, cada um com sua lógica própria. O que rege cada um deles não é transladável ao que rege o outro, ou seja, as lógicas que têm em conta o múltiplo e a heterogeneidade são incompatíveis com os corpos teóricos que herdamos desde Freud em diante. (Puget, 2020a, p. 7)

Para ilustrar, selecionei um trecho do último trabalho de Puget, chamado *Tal vez... los caminos de lo incierto* (2020b):

Talvez a tendência a predizer, a proteger-se do acontecimento do mundo chamado exterior não consiga apagar a força vital que emana do futuro. Talvez deixemos abertos caminhos para que o futuro não seja repetição, nem elaboração, mas sim algo aberto, iluminado por alguns dos seus muitos universos e sóis que iluminam nossas vidas sem que tenhamos advertido.

Esta é uma fala de esperança, que eu acho fundamental para termos em conta, já que a teoria vincular nos mostra que podemos pensar que novas subjetividades podem ser criadas permanentemente. Penso que é importante salientar isso, porque o passado infantil que deixa marcas e representações importa, sem dúvida, mas o risco... o risco é nós ficarmos sequestrados na repetição, no passado infantil,

que está presente e nos acompanha a vida toda, assim como o transgeracional. Porém, a psicanálise pode nos salvar também por meio da presença, do outro, do encontro, do vínculo, além das elaborações dos traumas e dos ingredientes transgeracionais (Trachtenberg, 2022).

Finalizo agradecendo o convite com alguns versos do poema inspirador “Retrato de memória”, de Wislawa Szymborska, poetisa polonesa, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 1996, do livro *Para o meu coração num domingo*.

Imaginei que ela e Manoel de Barros talvez conformassem um belo casal e que este livro, *Tranças e afluências: histórias sobre transgeracionalidade*, seria um de seus saudáveis e belos frutos.

Na aparência tudo se encaixa.

[...]

E se vestisse algo diferente?

[...] Uniforme listrado?

[...]

Talvez falte [...]

Alguém da família? [...]

Desde que seja um pássaro

que passa voando.

Referências

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. Escuta.
- Barros, M. (2010). *Poesia completa*. Leya.
- Berenstein, I. (2004). *Devenir otro com outro(s): ajenidad, presencia, interferencia*. Paidós.

- Faimberg, H. (2000). Entrevista. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 2(1), 249-266.
- Freud, S. (1996). Introdução ao narcisismo (J. Salomão, Trad.). In J. Salomão (Ed. e Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 81–113). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Gampel, Y. (2014). Yolanda Gampel: Psicanálise quando uma bomba cai. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 19-28.
- Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica de grupo*. Casa do Psicólogo.
- Moreno, J. (2002). *Ser humano: la inconsistencia, los vínculos, la crianza*. Libros del Zorza.
- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: incertidumbre y certezas*. Lugar Editorial.
- Puget, J. (2020a). *Profanar creativo... profanar desubjetivante*. (inédito).
- Puget, J. (2020b). *Tal vez... los caminos de lo incierto*. Apresentado no Departamento de Pareja y Familia de APdeBA. (inédito).
- Szyborska, W. (2020). *Para o meu coração num domingo*. Companhia das Letras.
- Trachtenberg, A. R. C. (2019). Famílias interrompidas. *Jornada da Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre sobre Corpo*. (inédito).
- Trachtenberg, A. R. C. (2022). A lógica da esperança: nascemos novos sujeitos a cada encontro. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 24(1), 26-33.
- Trachtenberg, A. R. C. (2023). *Transgeracionalidade/intergeracionalidade: Holocausto e dores sociais*. Blucher.

Apresentação

Luciana Marchetti Torrano

Este livro coroa com louros uma longa história entre a pós-graduação de psicologia da FFCLRP-USP e os estudos desenvolvidos em psicanálise vincular, especialmente sobre a transmissão psíquica entre gerações. A psicanálise, especialmente a psicanálise familiar e a psicossomática psicanalítica, que desde o início de meus estudos na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) despertaram meu interesse e minha dedicação, desenvolveram seus brotos e frutos em meu mestrado e em meu doutorado na FFCLRP-USP, com a orientação do competente e virtuoso Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos.

Com a necessidade de dar continuidade à minha formação pessoal e psicanalítica, busquei a SBPRP. Atualmente, essa é a instituição da qual faço parte como membro efetivo.

Meu percurso de três décadas dedicado à formação em psicanálise compreenderam os estudos e atendimentos em psicanálise de casal e família, trajeto que me apresentou os autores iniciais que priorizaram a leitura da ancestralidade e da transmissão psíquica geracional, tema que me aprofundei junto ao Grupo de Estudos de Família da SBPRP, coordenado pela colega e psicanalista Denise Lea Moratelli.

Uma das psicanalistas convidadas a contribuir com os seminários sobre psicanálise vincular foi a Dra. Ana Rosa Chait Trachtenberg, que introduziu e aprofundou o tema da transgeracionalidade. O impacto dos conteúdos e conceitos na ampliação da minha escuta transformou a minha visão da clínica psicanalítica, que já privilegiava a intersubjetividade e os vínculos construídos no campo analítico. A riqueza das histórias e as novas ferramentas para o trabalho com o inconsciente ampliaram sobremaneira a complexidade dos atendimentos individuais, aguçando minha escuta para fenômenos históricos e sociais. A inclusão da pré-história familiar, a cultura, as histórias de preconceito, a escuta do racismo estrutural, os não-ditos e as violências primeiramente me angustiaram muito e atualmente se tornaram fundamentais para a compreensão do fenômeno transferencial inédito e único construído em cada atendimento.

Desde 2016, tenho ministrado cursos, oferecido supervisões e grupos de estudos sobre o tema da transmissão psíquica geracional. Graças a esses encontros profícuos, durante a última década tive a honra e a oportunidade de participar de bancas de qualificação e de mestrado dedicadas à disciplina da transgeracionalidade, todas na pós-graduação de psicologia da FFCLRP-USP.

A experiência de acompanhar a produção das pesquisas das pós-graduandas apontou a necessidade de difundir o tema da transgeracionalidade/intergeracionalidade, como um conhecimento que amplia e inclui a pré-história do sujeito e a sua novela ancestral familiar na compreensão da complexidade de sua trama psíquica. A intergeracionalidade constitui sua língua, sua cultura, tradições e tabus, e a transgeracionalidade organiza dores, não-ditos, segredos, violências e sintomas. Tanto na inter como na trans, a psicanálise oferece a possibilidade de escuta e transformação.

O vértice psicanalítico que aborda a transgeracionalidade é pouco conhecido mesmo entre os psicanalistas, sendo um tema ainda pouco compreendido, pouco estudado, e que desperta críticas e

preconceitos. Uma vez ouvi uma colega dizer que era o patinho feio da psicanálise. Um dos grandes motivos da presente publicação é difundir alguns estudos preciosos, que podem colaborar para a escuta psicanalítica na clínica privada e pública bem como nas clínicas sociais, e tanto no Brasil como em outros países.

As pesquisas orientadas pela querida Profa. Dra. Valéria Barbieri, pelo meu querido orientador e mestre Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos e pela Profa. Dra. Fernanda Kimie Tavares Mishima apontam importantes achados em psicanálise em contextos familiares e geracionais. A riqueza dos estudos produzidos nesse grupo foi o húmus necessário para plantar a semente deste livro, que agora germina.

Um ponto de convergência importante é a necessidade de estabelecer um diálogo entre pesquisa e psicanálise. Para tanto, é necessária a criação de grupos interessados em pesquisa e principalmente na interlocução com sistemas públicos de saúde, a criação de políticas públicas de prevenção à violência doméstica e familiar e o intercâmbio com as universidades e outras disciplinas.

A pesquisa em psicanálise precisa dialogar com outras disciplinas, como a pedagogia, a sociologia, as neurociências, a pediatria e a medicina. Tais diálogos são de fundamental importância para a escolha e a prescrição da psicoterapia de orientação psicanalítica. A psicanálise, em comparação com outros métodos de psicoterapia, produz menos pesquisas sobre a eficácia de seus métodos, no entanto produz muito sobre como escutar o sofrimento e oferecer caminhos para tratá-lo. Psicanalistas produzem muitos artigos, no entanto muitos escrevem principalmente para seus pares e parecem não se preocupar em se fazer compreender fora de seus guetos e tribos. A publicação em pesquisa psicanalítica exige uma característica de comunicação que favoreça sua leitura por outros profissionais, não necessariamente psicanalistas ou psicólogos.

As pesquisas apresentadas em forma de capítulos neste livro contribuem sobremaneira para a clínica e para o diálogo interdisciplinar, fundamental nas ciências que têm o objeto complexo, como é o caso da psicanálise. Essas pesquisas e seus produtos, pautados na especificidade da escuta e da compreensão do fenômeno pela ótica da psicanálise, devem ser apoiados e estimulados nas instituições de formação em psicanálise. Os achados desses estudos contribuem para promover o diálogo com psicanalistas clínicos que não possuem formação em pesquisa e com pesquisadores das áreas de psicologia e psiquiatria que não se dedicam à clínica psicanalítica ou, então, se dedicam a outras pesquisas em ciências sociais e também na psicologia e na saúde mental.

Outro ponto importante é que a psicanálise não existe sem a publicação. A experiência do psicanalista e, neste caso, do pesquisador em psicanálise, que está diante de um objeto complexo a ser estudado, necessita da escrita e da publicação de seus achados para comparilhá-los com seus pares e com outros profissionais que lidam com as problemáticas estudadas em cada uma das áreas abordadas pelas pesquisas. A escuta do psicanalista é a ferramenta fundamental que conduzirá à prática clínica. A inclusão da compreensão da transmissão psíquica geracional amplia os caminhos que podem ser percorridos a partir da escuta, ampliando a compreensão dos sujeitos das pesquisas ou dos pacientes na clínica psicanalítica ou nas instituições.

Idealizei este livro para que ele pudesse reunir parte dos conhecimentos, dados, conclusões, considerações e propostas resultantes das pesquisas, e com isso pudesse contribuir tanto com a psicanálise como com a pesquisa em psicanálise.

A construção de conceitos psicanalíticos pode ser comparada a indicativos geográficos como as linhas imaginárias do Equador e dos trópicos de Câncer e de Capricórnio. O mapa não representa o território, porém, se pudermos oferecer um mapa e uma bússola, será mais fácil percorrer os territórios da transmissão psíquica geracional.

Introdução

Luciana Marchetti Torrano

Minha dor é perceber

[...]

Ainda somos os mesmos

E vivemos

Como os nossos pais

Belchior, “Como nossos pais”

Sigmund Freud criou o ofício da psicanálise, como primeiro homem com tal tarefa, analisou os próprios sonhos e percorreu as pistas psíquicas expressas por meio dos sintomas, chistes e atos falhos para forjar o conceito de inconsciente. O inconsciente era experimentado, mas ainda não havia sido nomeado. De Freud herdamos a clínica, a observação, a importância da análise e do estudo sobre os sonhos, entre tantas outras publicações e estudos que ainda permanecem bastante contemporâneos. Herdamos também a Associação Psicanalítica Internacional (IPA), as tradições que a constituem, as normas e leis com que devemos nos comprometer para nos tornarmos psicanalistas. Freud desenvolveu o método e a técnica para captar o inconsciente e tratar o sujeito. Em seus textos sociais – “Psicologia das massas e

análise do eu”, “Totem e tabu” e “O futuro de uma ilusão” –, Freud (1913/1996, 1921/1996, 1927/1996) nos aponta que o homem, além de seu psiquismo individual, possui uma ancestralidade e uma história familiar, sua mente é resultado do mundo social que o rodeia e da cultura herdada das gerações anteriores; assim, cada homem já nasce com uma pré-história.

Os estudos sociais de Freud citados acima, conferiram a importância do social à psiquê humana, que futuramente na história do pensamento psicanalítico vai dar origem à Psicanálise das Configurações Vinculares. A Psicanálise das Configurações Vinculares é uma vertente teórico-clínica que inclui o mundo social e suas influências na constituição da matriz subjetiva da mente (Gomes e Levy, 2016). O social neste campo, compreende que a subjetividade individual existe no campo social o influencia e é influenciada por ele, compondo uma subjetividade social. O campo da vincularidade compreende que o mundo social está intrinsecamente ligado à clínica psicanalítica, é ele quem oferece as regras, os códigos, a língua e não pode ser pensado apenas como pano de fundo ou cenário das representações intrapsíquicas singulares (Puget, 2005). A Psicanálise Transgeracional, compõe uma das disciplinas estudada pelo campo da vincularidade.

O inconsciente na teoria vincular é compreendido como uma rede estruturante que se forma a partir de diversos contextos relacionais experimentados ao longo da vida, o primeiro é o núcleo familiar, seguido pelas instituições escolares, a comunidade, a religião, os grupos sociais etc (Berenstein e Puget, 2008). A mente está sempre ligada em interação dinâmica e transformativa. O mundo psíquico passa a ser compreendido de forma ampliada, integrando principalmente três dimensões históricas e relacionais que se interligam: a intrassubjetiva (história de vida), a intersubjetiva (resultante das interações do sujeito em seus vínculos) e a transubjetiva que representa a herança psíquica coletiva e a transmissão psíquica cultural (Kaës, 2005).

No início dos anos 1960 o casal Baranger concluiu que o trabalho consciente e inconsciente do analista com seu paciente se desenvolve numa relação intersubjetiva. O campo analítico se constitui entre psicanalista e paciente e representa o resultado das identificações projetivas cruzadas entre eles, criando um campo único composto pelas duas mentes denominado campo intersubjetivo (Baranger & Baranger, 1961). A intersubjetividade é um dos conceitos fundamentais para a compreensão do inconsciente pela Psicanálise das Configurações Vinculares. Neste contexto, o inconsciente passa a ser visto para além do conteúdo singular e interno, mas alicerçado numa estrutura de teia ou rede, marcado pelas relações históricas e os laços sociais (Bereinstein & Puget, 2008). Por esse motivo o conceito de campo amplia e traz mais complexidade à relação analítica, e é uma das principais marcas da psicanálise contemporânea, a complexidade, onde germinam os estudos que criam o campo da Psicanálise das Configurações Vinculares e o campo da Psicanálise Transgeracional.

Os estudos dos psicanalistas húngaros radicados na França: Nicolas Abraham e Maria Torok (1987/1995), publicados em 1987 no livro *A casca e o núcleo*, revelam os efeitos de eventos perturbadores provocados por guerras, causando consequências como os exílios, a separação de algumas famílias, além da aniquilação de outras. Nesse cenário, os psicanalistas se depararam com segredos, vergonhas e silêncios construídos para a manutenção da sobrevivência física e psíquica de seus descendentes. Os dois psicanalistas em contato com as vítimas de tais violências, que foram impedidas de viver e elaborar seus lutos e contar suas histórias, criaram “sepulturas secretas” dentro da mente para darem continuidade à vida. Para isso utilizaram-se de um mecanismo de defesa chamado: desmentida. Esse mecanismo, recruta uma parte da mente para cuidar desta sepultura que não pode ser violada, por oferecer riscos aos familiares sobreviventes, e a partir daí dão continuidade à vida. A tal sepultura eles deram o nome de “cripta”. Os autores perceberam que o conteúdo segredo dentro das

criptas eram capazes de provocar sofrimento e sintomas às gerações futuras. Abre-se então uma nova possibilidade de escuta na clínica psicanalítica: da transmissão psíquica geracional.

As transmissões psíquicas geracionais expressam-se em forma de sintomas familiares, como veremos no conteúdo dos capítulos a seguir, mas também em forma de sintomas sociais, como o racismo, o ódio e a intolerância entre os povos, os genocídios, os fanatismos, as guerras e outras formas de expressões conscientes e inconscientes que impedem o desenvolvimento da comunicação e da paz. Tais expressões chamamos de fenômenos transsubjetivos.

Quando contemplamos por exemplo a história das religiões, nos damos conta da intergeracionalidade, que é uma das formas de transmissão geracional, é transmissão esperada e positiva da ancestralidade. Cada povo tem suas festas típicas e seus próprios ritos, eles indicam a existência de uma memória social que, ao ser festejada e lembrada anualmente, o fato que inaugurou àquela memória é simbolicamente revivido. A função dos rituais organiza aspectos sociais ligados à tradição de cada povo, que atualizam o passado no presente. Tomando como exemplo as três religiões monoteístas, podemos citar ao menos uma festividade periódica: a comemoração do Natal aos povos cristãos, que relembra o nascimento do menino Jesus, a peregrinação à Meca (cidade do profeta Maomé) pelos muçulmanos, e o *shabat* semanal para os judeus, que seria o dia do descanso, simbolizando o sétimo dia, após a criação do Mundo. A repetição das festividades e ritos mantém viva a cultura e a tradição de um povo, que é transmitido através das gerações.

As relações entre as gerações, denominadas intergeracionais são imprescindíveis por serem responsáveis pelas transmissões das tradições, dos costumes, das crenças, da língua, das maneiras, dos valores e dos conhecimentos ancestrais. A intergeracionalidade é a forma como a contemporaneidade carrega em si de forma consciente seus ancestrais. No outro polo da transmissão geracional, a transgeracio-

nalidade, segundo Kaës (2001), é um conjunto de forças inconscientes herdadas dos familiares ancestrais, que atravessa as gerações pelo viés do negativo. Nesse contexto, o que é transmitido não foi elaborado, está oculto, segredo e é potencialmente gerador de sofrimentos e sintomas. O ódio e a intolerância transmitidos há muitas gerações provocam desigualdades sociais e guerras, e um agravante é que quanto mais distante estamos do conflito gerador da dor, mais violência será produzida pelos povos, sem acesso ao seu conteúdo, pois fora vivenciado em outro tempo (Cassorla, 2019).

A escuta transgeracional na clínica psicanalítica brasileira

Todo sujeito é fruto de um primeiro vínculo criativo, que é a própria fecundação. A criança constitui sua identidade inicialmente pelo desejo e pela idealização de seus pais. Assim, a criança é um elo numa cadeia geracional, histórica e cultural. O desejo ou o não-desejo de procriar já existe nos ancestrais e nos pais mesmo antes da fusão do óvulo ao espermatozoide. O ser humano nasce imerso na cultura. Cultura esta que incide em sua própria concepção, o embrião, o resultado da fusão de duas células em uma, que une em si duas realidades culturais e desejos inconscientes parentais e familiares. O embrião é, em potencial, um ser humano e, para humanizar-se, constituir sua identidade e posteriormente sua subjetividade, se transforma a partir das inúmeras interações na relação com a mãe (ou com alguém que cumpra tal função), com o seio, com o alimento, com as privações, com o cuidado e com a nomeação dos afetos e das sensações. As primeiras relações do bebê com o meio ambiente serão os alicerces para a construção dos limites e contornos necessários para que ele seja incluído na cultura e na sociedade, aprendendo as leis sociais e a linguagem.

A gestação já pressupõe uma transmissão, que continuará ao longo da vida, na relação da mãe com seu filho. A transmissão geracional marca a continuidade e a evolução para cada sujeito e para o grupo

social. Existe uma urgência na transmissão relativa à continuidade da evolução de uma geração a outra, assim cada indivíduo inicia sua existência a partir de uma história que o precede, ou seja, cada indivíduo já nasce com uma herança familiar e cultural das gerações anteriores, sofrendo maiores influências culturais e linguísticas daquelas mais próximas. É a partir de uma pré-história que cada sujeito deve criar outra herança para perpetuar sua vida para além de seu desaparecimento. São transmitidos conhecimentos e não-conhecimentos, saúde e sintomas (Trachtenberg, 2023).

Na prática clínica e na escuta psicanalítica, precisamos cuidar para que valores de uma cultura não sejam utilizados de forma moral por outra cultura. Portanto, a história de cada povo, suas crenças e tradições, deve ser levada em conta para não criarmos dogmatismos e normas de certo e errado. A psicanálise está disposta a escutar a subjetividade, e cada história tem sua impressão digital, mas cada resultado de pesquisa pode ser fonte de reflexão e favorecer o atendimento de casos e histórias que se assemelham. Existem países, por exemplo, em que a eutanásia é permitida e praticada em respeito ao paciente e seus familiares, seguindo o desejo do doente. Em países como o Brasil, em que as religiões interferem nas leis e nos costumes, a eutanásia não é permitida, e é considerada suicídio ou homicídio. O mesmo ocorre para a interrupção da gravidez indesejada. Países com fortes influências religiosas criam leis e normas para controlar e, por vezes, criminalizar o aborto. Assim como alguns países ainda criminalizam a relação amorosa e sexual entre pessoas do mesmo sexo.

O sofrimento psíquico resultante das transmissões psíquicas geracionais, precisam de um espaço terapêutico adequado e de uma escuta empática e cuidadosa, realizada por um profissional de saúde mental habilitado e treinado para a tarefa. Não existem regras, nem protocolos, nem manuais para o tratamento das transmissões psíquicas geracionais, cada caso exigirá uma abordagem única. Outro ponto importante, que gera debates e polêmicas e confusões, já que outras

abordagens utilizam-se de modelos e ferramentas que se assemelham à transgeracionalidade e oferecem tratamentos que podem colocar em risco a integridade e a saúde mental do paciente. Portanto, é recomendado que tais conteúdos, quando abordados, devem ser tratados e cuidados num espaço preservado e sigiloso por profissionais especializados. Para além de ouvir ou revelar, é necessário tratar desses conteúdos num processo psicoterapêutico.

O Brasil é um país de dimensões continentais, os costumes e tradições são regionais, e nossa ancestralidade é marcada pelo colonialismo e pela escravização de negros e indígenas, pelo abuso e pela exploração de corpos femininos. A organização política e econômica do Brasil não conseguiu vencer a miséria, o analfabetismo, as exclusões, os preconceitos e as violências. Carecemos de uma organização social que dê conta de organizar a economia e prover justiça e equidade social, de gênero e racial, entre outras camadas da cultura. É um país cruel, moralista e repleto de dogmatismos. A riqueza deste livro é contar a história de psicólogos pesquisadores brasileiros sobre problemáticas do nosso país. É importante que tenhamos estudos que tratam dos nossos fenômenos para não recorrer a traduções e aproximações de trabalhos europeus ou americanos para tratar problemáticas brasileiras (Mezan, 2014).

Segundo Granjon (2000), nada pode escapar a ser transmitido, nenhuma falta, nenhuma transgressão, e sua carga de culpa e vergonha pode ser abolida. O psiquismo lança mão de diversos mecanismos de defesa e estratégias para a mente suportar a vivência dolorosa, e o sujeito é capaz, então, de sobreviver, apesar de tanta dor. As consequências desse processo são o não-aprender com a experiência, e tais acontecimentos fracassam às formações de símbolos e representações psíquicas e impedem a realização de processos capazes de metabolizar tais experiências dolorosas, torná-las pensáveis e integrá-las numa história pessoal capaz de ser contada, impedindo que a vivência dolorosa se repita nas próximas gerações.

A nomeação do livro e roteiro de leitura

A trança é uma metáfora do entrecruzamento das mentes, histórias e tradições de três gerações. Ela é o resultado do movimento que a produz e transforma um punhado de fios em um entrelaçamento. Fios que, unidos, assumem uma nova forma. As afluições referem-se aos afluentes de um rio, que podem estar distantes da nascente, mas só existem graças a ela. Afluentes que se diferenciam do rio do qual brotaram, mas dividiram as mesmas margens até encontrar seu curso autônomo no relevo que o acolhe e que torna ainda mais distintas as suas águas quando deságuam no mar. Daí nasceu o nome do livro.

Em *Tranças e afluições: histórias sobre transgeracionalidade*, o leitor é convidado a embarcar na jornada da escuta psicanalítica num contexto de pesquisa, dos estudos de casos de famílias com seus conflitos e especificidades. As reflexões e considerações dos autores sobre os temas desvelam aspectos das marcas e das heranças psíquicas transmitidas entre as gerações em forma de sintomas que impõem sofrimentos psíquicos e repetições.

A escuta do fenômeno psicanalítico, marcada pela sobredeterminação do inconsciente, está presente em todos os capítulos. Somos convidados a refletir sobre como os fenômenos transgeracionais influenciam as vivências edípicas, a formação da identidade, da capacidade de cuidar do próprio corpo, os fenômenos psicossomáticos, das compulsões, das interdições que interferem na sexualidade, na imagem inconsciente do corpo, nos hábitos e nos comportamentos alimentares, na obediência às leis, nas violências transgeracionais e nas experiências sociais.

No primeiro capítulo, somos levados a refletir sobre a adoção, como um rio que encontra novos caminhos, moldando a paisagem da constituição psíquica de quem é adotado. Podemos acompanhar como os afetos e as transmissões psíquicas ancestrais interferem na vida atual da família e como as relações fluem entre rupturas e

continuidades, desenhando a identidade na intersecção de histórias presentes que carregam o passado e precisam ser reveladas e pensadas para, quem sabe, transformar o futuro.

O segundo capítulo nos convida a descer ao Hades, onde a feminilidade e a anorexia nervosa dançam em um balé sombrio. É uma visita a aspectos transgeracionais dos transtornos alimentares, refletindo questões relacionadas à feminilidade, bem como suas sombras e desilusões que incluem a díade mãe e filha, tecendo uma teia que pode aprisionar ou libertar.

No terceiro capítulo, a obesidade é vista como um rio caudaloso de transmissões e padrões que inundam as margens da existência, arrastando consigo os legados alimentares e emocionais de geração em geração. É uma reflexão sobre como os afetos familiares, assim como a água, podem nutrir ou afogar.

O quarto capítulo aprofunda-se nos psicodinamismos de uma jovem obesa e de seus pais, explorando como a novela familiar, com suas flores e espinhos, influencia o crescimento e a manutenção da obesidade. É um olhar atento sobre aspectos alimentares e não elaborados que são transmitidos em sintomas transgeracionais. A autora retoma a mitologia grega e, de forma poética, nos leva a refletir sobre caminhos possíveis à clínica psicanalítica da obesidade, incluindo contribuições de André Green à psicanálise contemporânea, como o trabalho do negativo e a terceiridade.

O estudo de caso da jovem obesa apresentado no quinto capítulo dá continuidade à discussão do capítulo anterior. A autora remonta aspectos de revisão de literatura sobre a díade mãe-bebê, refletindo sobre as raízes primitivas das confusões entre afeto e alimento, corpo da mãe e corpo do bebê, oferecendo uma rica contribuição para a teoria da dissolução do complexo de Édipo.

No sexto capítulo, a tendência antissocial é um labirinto escuro onde pais e filhos se perdem e se encontram em relação às normas e à

língua que envolvem o universo da marginalidade. Aqui, as sombras do passado se projetam nas paredes do presente, desafiando-nos a encontrar formas de lidar com a marginalidade. A pesquisa apresenta um material rico para consulta e construção de dispositivos de promoção de saúde e para escuta de pais e jovens.

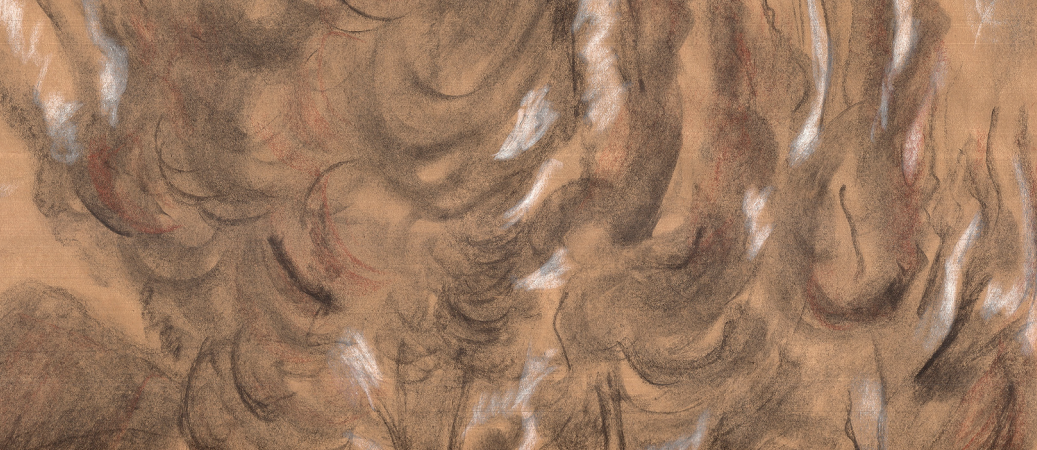
O sétimo e último capítulo nos leva a um universo fragmentado pelo abuso sexual infantil transgeracional. As meninas feridas de três gerações se revelam e expõem os estilhaços provocados pelo silenciamento e pela negação da violência. A escuta sensível da autora nos traz a dor e a necessidade de informação e da criação de espaços que promovam o tratamento dos traumas e das violências, para prevenir não-ditos e oferecer esperança às próximas gerações.

Desejo uma ótima leitura e boas reflexões!

Referências

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1975)
- Baranger, M.; & Baranger, W. (1961). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4(1), 3-54.
- Bereinstein, I. (2001). O conceito de vínculo. In Puget, J.; Berenstein, I. *Psicanálise de casal e de família: textos técnicos* (pp. 141-150). Artes Médicas, 2001.
- Bereinstein, I.; & Puget, J. Teoria da técnica psicanalítica vincular: casal, família e grupo. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- Cassorla, R. S. (2019). Fanaticism: reflections based on phenomena in the analytic field. *The International Journal of Psychoanalysis*, 100(6), 1338-1357.
- Freud, S. (1996) Psicologia das massas e análise do eu. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1921)

- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1927)
- Freud, S. (1996). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1913)
- Granjon, E. (2000). A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In O. B. R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 17-43). Escuta.
- Gomes, I. P.; & Levy, D. P. (2016). Psicanálise e subjetividade social: repensando os vínculos. *Revista da SPAGESP*, v. 17, n. 1, p. 24-33.
- Kaës, R. (2001). O sujeito da herança. In R. Kaës et al. (Orgs.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 9-25). Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2005) O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. Casa do Psicólogo.
- Mezan, R. (2014). *Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. Os troncos e os ramos*. Companhia das Letras.
- Puget, J. (2005). Psicanálise e laços sociais: entre a dor e a palavra. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 7(1), 13-21.
- Trachtenberg, A. R. C. (2023). *Transgeracionalidade/intergeracionalidade: Holocausto e dores sociais*. Blucher.



Este livro trança os diferentes vértices e pontos de vista dos autores e tece uma tapeçaria rica em cores e texturas, em que cada fio representa a complexa trama das relações humanas que se estendem pelo tempo. O leitor é convidado a conhecer a escuta psicanalítica num contexto de pesquisa e de estudos de casos das famílias envolvidas nas pesquisas. As reflexões e considerações dos autores desvelam aspectos das marcas e das heranças psíquicas transmitidas entre as gerações, na realidade brasileira, em forma de sintomas que impõem sofrimentos psíquicos e repetições.

A obra propõe um diálogo entre teoria e clínica, entre pesquisa e escuta, destacando a importância da interpretação e nomeação da transgeracionalidade na prática psicanalítica e nas políticas públicas de saúde. Destinado a psicanalistas, psicólogos, pesquisadores, profissionais da saúde e das ciências humanas, o livro oferece um olhar aprofundado sobre os efeitos no inconsciente, que são herdados, e os caminhos possíveis de elaboração e transformação que permitem fluência às gerações futuras.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2615-4



9



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Tranças e afluências

Histórias sobre transgeracionalidade

Luciana Marchetti Torrano (Org.)

ISBN: 9788521226154

Páginas: 240

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2026
